

Acerto adiado pode esconder manobra sutil

Paulo Sotero

da Agência Estado

Washington — Se o governo brasileiro já tinha comprado no mercado os títulos de longo prazo do Tesouro dos Estados Unidos necessários para efetivar o acordo com os bancos credores, por que o ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso insistiu até o último momento em obter o acordo **stand by** com o Fundo Monetário Internacional — a pré-condição do Tesouro americano para fazer a emissão especial de papéis necessários para lastrear a reestruturação da dívida com os bancos?

Há quem acredite que o chefe da equipe econômica e seus assessores simplesmente cometeram um erro de avaliação ao criar a expectativa de que o **stand by** com o FMI era iminente, quando sabiam que ele era, no momento, impraticável. A resposta de Camdessus, na quarta-feira, foi um claro não — um não apresentado no tom mais simpático e positivo possível, para não atrapalhar a conclusão do acordo com os bancos, mas, ainda assim, um não.

Outros estão convencidos, no entanto, que a insistência pública do ministro Cardoso no acordo com o FMI esconde uma estratégia com dois objetivos principais: por um lado, manter a pressão interna em favor das reformas e justificar como “temporário”, ao Congresso, o uso de parte das reservas para fechar com os bancos; por outro, manter na surdina a compra dos papéis do Tesouro que o Banco Central realizou sem alardes nos últimos meses.

“Aparentemente, foi uma operação muito bem conduzida, pois o governo conseguiu comprar um montante importante de papéis do Tesouro no mercado sem puxar o pregão para cima”, disse um executivo bem informado. “Até onde sei, quase ninguém detetou a procura brasileira pelos bônus do Tesouro, que devem ter sido comprados ao longo de vários meses”.